

O AR SONORO

ESTAL

Escola Superior de Tecnologia e Artes
de Lisboa

Pós-Graduação Web-design 2006
Sociologia | Internet & Sociedade

Paulo Basto

ÍNDICE

I

INTRODUÇÃO

- 1- Música e Arte.....pag2
- 2- Empatia e Mimetismo.....pag3

II

DESENVOLVIMENTO

- 1- O som do silêncio.....pag6
- 2- Anatomia da música
 - 2a- Shopenhauer.....pag9
 - 2b- Nietzcshe.....pag10
 - 2c- Daniel Barenboim.....pag11
- 3- Ar sonoro.....pag12
- 4- Beats, Bits e Beeps.....pag13

III

- CONCLUSÃO.....pag16

IV

- BIBLIOGRAFIA.....pag18

"I can't imagine my life or anyone else's without music.
It's like a light in the darkness that never goes out."

Martin Scorsese

1 | MÚSICA E ARTE

Porque fazemos música? A fala ou a escrita ainda não são suficientes para nos entendermos.

Desde sempre me intrigou o porquê da necessidade do ser humano recorrer a uma forma de comunicação tão complexa quando existe a música. Será que a linguagem oral e escrita não desempenhariam adequadamente essa função? E qual a função desta arte? Perturbar, causar uma reacção? Assim sendo, e se a dada altura, nos deixa indiferentes é porque não está a cumprir devidamente o seu papel. A questão pertinente que surge é: será que a música tem alguma função? Ou será que existe, somente para preencher os espaços em branco, para nos adormecer os sentidos em vez de os despertar, contribuindo assim, para uma crescente mecanicidade?

Acredito que a música desempenhe um papel importantíssimo no nosso quotidiano e no nosso equilíbrio como Seres Humanos. A maioria de nós dedica grande parte do seu tempo a ouvir e a sentir o seu poder emocional sem sequer compreender o porquê. E, muito provavelmente, é isso mesmo o que nos atrai, o facto de a podermos gozar - e só assim se pode saborear verdadeiramente - sem pensar, sem julgar. É um compromisso hedonista estabelecido entre o nosso estado de espírito e a sensação de compensação

gratificante recebida pela música que incorporamos no cerne das nossas emoções.

Assim, a meu ver, música não é apenas o frágil equilíbrio entre o som e silêncio, é a comunicação no seu estado selvagem, sem meandros e com um baixo índice de interpretação dúbia.

De igual pertinência é a questão - o que faz da música, música? Melhor dizendo, o que a distingue da fala, do chilrear de um pássaro ou do ritmo sincopado das máquinas de um complexo industrial?

A nossa percepção e avaliação do que é música na sua essência é muito mais abrangente do que um simples gosto ou preferência musical.

É a estas questões e inúmeras outras que ficaram por formular, que o meu trabalho visa, se não responder, pelo menos, tornar menos opacas.

2 | EMPATIA E MIMETISMO

Podemos ver a relação que temos com a música com que vibramos e que insistimos em ouvir regularmente, como um reflexo ou uma materialização etérea daquilo que somos ou do que queremos exprimir mas que por vezes se encontra mais fidelizada externamente do que esculpindo-a com a nossa própria voz.

A música desempenha também um papel tutor na nossa sociedade.

É esse mesmo papel que impele os adolescentes, grupo extremamente influenciado pelos valores e comportamentos do seu meio envolvente, a mimetizar e, deste modo, perpetuar a conduta projectada pelas suas bandas favoritas.

Tenta perpetuar, e ao mesmo tempo personalizar essa mesma experiência, potencia e corporiza estados de alma com o seu impacto característico de

outra forma impossíveis de atingir através das limitações inerentes ao discurso linguístico.

Vejo a música como uma caricatura, um esboço fugaz, mas rigoroso, de um momento espiritual digno de registo eterno. Um transporte etéreo e via directa para o cerne da emoção.

Não será por acaso que as estruturas do nosso cérebro que processam a audição estejam tão próximas do sistema límbico¹, algo que não acontece por exemplo, com a visão.

Apesar das distâncias da Aldeia Global se encurtarem pela internet, os melómanos continuam confinados a uma forma de apreciação próxima dos cânones do meio em que se movem e interagem. Adquiriram vícios e parâmetros que vão ao encontro de valores que lhes foram transmitidos pela cultura envolvente. No caso da cultura musical do Ocidente de onde herdamos as articulações formais, o dramatismo, a descrição, as tensões, suspensões e repousos, tendo por base um elemento chave que é a melodia - o dispositivo mais próximo da prosódia do discurso verbal.

É preciso despír e neutralizar o pensamento de qualquer interpretação pra poder verdadeiramente apreciar a música.

Daí que [John Cage](#) preconizava:

“A gente tem de dar um paradeiro ao estudo da música. Isto é, a gente tem de eliminar todos os pensamentos que separam a música da vida. [...] A coisa mais sensata a fazer é abrir os ouvidos imediatamente e ouvir um som de repente, antes que o pensamento tenha a chance de transformá-lo em algo lógico, abstracto ou simbólico.”

¹ O processamento das emoções ocorre principalmente neste conjunto de estruturas do cérebro. Um circuito, composto entre outros, pela amígdala e hipocampo, órgãos interconectados por feixes nervosos e responsáveis pela elaboração dos afetos e recurso à memória de longo curso.

Para lá do passivo consumo de melodias a que estamos habituados e levando esta citação a um extremo de análise, há indiscutivelmente um processamento efectuado por áreas do nosso cérebro que distinguem e que tratam as mesmas ondas sonoras de um discurso, de uma conversa, de um concerto ou de um recital de um modo distinto.

1 | O SOM DO SILÊNCIO

Entro no comboio amaciado pelo som de música instrumental que se supõe relaxante, ocupo um lugar, o agudo estridente do sinal de fecho das portas fere o ouvido, logo oiço o toque polifónico do telemóvel do passageiro sentado à minha frente. Preparo-me para a monotonia da viagem ligando o meu iPod. Saio no meu destino e espero que o sinal fique verde para peões enquanto um carro propositadamente lento num estilo de trilho eléctrico baiano de Carnaval, passa uma música que faz vibrar os vidros das montras das lojas mais próximas.

Entro nas profundezas do metro e em vez do habitual silêncio subterrâneo deparo-me com um ecrã que passa imagens e sons a grande velocidade. À minha frente um jovem entediado abre o telemóvel e ouve a sua canção favorita num som crepitante de rádio estragado.

O nosso mundo é um espaço ruidoso e nem sempre musicalmente ruidoso, essa ausência de momentos de pausa sonora decorre do avanço inevitável e inelutável da sociedade e, com ela, da tecnologia. Cabe-nos a nós tentar perceber que papel e que importância tem a música, o som, nas nossas vidas quotidianas. Isto se não ficarmos duros de ouvido primeiro.

Mães de várias outras culturas menos industrializadas conseguem entender quando o seu recém-nascido precisa de se aliviar. A comunicação bilateral é baseada em intuição e instinto e é iniciada pelo próprio bebé que galrea. Em resposta, a mãe quase sempre usa sons onomatopaicos pra levar as necessidades a bom porto. Este método² é praticamente desconhecido pela civilização Ocidental, sendo até de prever o porquê.

² Elimination Communication ou Potty Training.

Estaremos entorpecidos pelos sons que nos rodeiam e nos são impostos? Será que anestesiámos os nossos ouvidos de tanto os entupirmos com detritos musicais? Segundo Daniel Barenboim, maestro e actual dirigente da Orquestra Sinfónica de Chicago e orador das [Reith Lectures](#) de 2006, a audição é um dos sentidos mais negligenciados numa sociedade totalmente orientada para a imagem (apesar de a capacidade auditiva preceder a visão em mais de sete meses e meio³). Ouvimos, ouvimos muito, mas será que percebemos, fruímos o que estamos a ouvir? Aqui, Barenboim estabelece uma diferença importante entre Hear e Listen, dois verbos distintos para descrever um processo cujas diferenças são microscópicas a olho nu, mas que afecta grandemente o modo como entendemos a música. Frequentemente estamos em situações onde actuamos como simples receptáculos passivos, limitando-nos a absorver os sons, outras vezes entendemos a música, sentimo-la mover emoções dentro de nós, sejam elas negativas ou positivas.

A nossa sociedade criou um novo conceito de “easy listening”, isto é, a oportunidade de ouvir música sem que isso implique muito esforço, ora numa sociedade descartável onde tudo se usa-e-deita-fora, será que a música, ou melhor, o nosso sentido musical não estará a ser irremediavelmente danificado?

Nas últimas décadas, houve de facto uma transformação importante no modo como vivenciamos a música. De regresso a um passado não muito distante, antes do primeiro registo fonográfico de “Mary Had a Little Lamb” por Thomas Edison em 1877, podíamos encontrar na música ordens de envolvimento e participação emocional que normalmente apareciam associadas a um ritual ou dança, eventos e performances singulares cujo único registo se perdia naquela fracção de tempo. Seria de esperar que as pessoas desenvolvessem outro tipo de relação com esta arte dos sons.

³ Às 13 semanas a capacidade auditiva do feto apresenta já uma actividade intensa. Os sons chegam distorcidos ao seu ouvido devido á discrepância da velocidade de propagação das frequências pelo liquido amniótico.

Hoje em dia com o advento dos computadores e da internet, de uma maneira geral, desde que começou a ser possível gravar e registar a música, o outrora eufórico e enérgico participante dá lugar a um anafado e sedentário deglutidor de sons. Saiu da redoma, deixou de participar no seu ritual e cultura para absorver e usufruir um outro tipo de produto que por sua vez é uma amálgama de outras culturas tendo sofrido também as suas transmutações e trejeitos às vezes até estranhos ao seu ouvido. Mais uma vez, a música quebra fronteiras e barreiras.

Do mesmo modo como nos fazemos estas perguntas nos tempos de hoje, também há dois séculos Nietzsche reflectia sobre questões similares. Afirmava que a sociedade do seu tempo encarava a música com levandade, como um prazer acessório e não, como ele acreditava, como uma necessidade para a existência. Ele pretendia mostrar que a música, longe de ser aparência, era a única arte capaz de transcender as formas da aparência, permitindo aceder á alma humana.

Estou em crer que a melhor forma de tentar perceber a alma da música é fazer uma pequena incursão guiados pelas vozes de dois filósofos do século XIX, Schopenhauer e Nietzsche, para os quais a música era a arte por excelência, e por um músico contemporâneo, Daniel Barenboim que, para além de ter um contacto íntimo e diário com a música, reflecte sobre o seu papel na sociedade actual.

2 | ANATOMIA DA MÚSICA

A música pode ser definida em termos genéricos como a relação entre os seus elementos melódicos e rítmicos no tempo.

Estudos científicos na área das neurociências intensificaram-se nestas últimas décadas pra descortinar os processos envoltos em mistério que envolvem o aparato físico humano.

Todavia como a música é também um fenómeno metafísico, vamos tentar perceber o mundo dos sons pelos ouvidos destes pensadores revolucionários.

2a | Schopenhauer

“A metafísica da música”

Na perspectiva deste filósofo a música é, indubitavelmente, a arte entre as artes, aquela que se ergue sozinha e majestosa de entre as outras. O facto de a música afectar a natureza mais íntima do homem de forma tão poderosa que é entendida a um nível da sua consciência mais íntima, prende-se, segundo Schopenhauer, com a firme crença de que esta não é uma mera cópia ou repetição de uma ideia existente no mundo, senão que é a cópia directa da própria Vontade (de que todos somos sujeitos), expressando assim a parte metafísica de todos os fenómenos físicos existentes no mundo. Daí lhe advém o seu poder. Enquanto as outras artes são só sombras projectadas na caverna de Platão, a música está muito próxima da Vontade. É essa característica que lhe confere a sua universalidade pois que a música não expressa emoções particulares, antes as emoções em si mesmas. Tal como mais tarde Nietzsche o retomará, para Schopenhauer o efeito dos sons é bastante superior àquele produzido pelas palavras, estas são falíveis, são um débil meio para expressar a complexidade dos nossos pensamentos e emoções. Agrilhoam o pensamento ao invés de lhe dar asas, de o emancipar, como faz a música, meio de expressão perfeito. Contudo, se houver a presença de palavras na música estas devem assumir um papel secundário porque o melhor modo de apreendê-la é no seu estado puro.

A arte surge para Schopenhauer como a única alternativa à morte, a libertadora por excelência, é ela que nos liberta da tirania da Vontade e nos transporta para um mundo catártico de desinteresse, um mundo de pura contemplação estética.

2b | Nietzsche

“A vida sem música seria um erro”

Nietzsche segue de perto as teorias anteriormente desenvolvidas por Schopenhauer, mas aplica-as à Tragédia, enquanto arte dramática. É, aliás, na sua primeira obra *A Origem da Tragédia* que delineia os contornos da importância da música. A música assume uma posição cimeira na sua filosofia. Tal como já havia referido, a música é superior a todas as demais artes, porque não é uma cópia dos fenómenos senão que tem uma ligação directa com a Vontade. Por essa razão a tragédia, através do seu coro ditirâmico, não só transporta o público para um estado de unidade primordial como tem uma capacidade redentora. Contudo, ele argumenta que a sua sociedade contemporânea vive tempos obscuros e supérfluos no que diz respeito à arte. Desde a morte da tragédia, com Eurípides, que a sociedade alemã tinha uma perspectiva da música como adorno, como exercício frívolo. Daí o aparecimento da ópera, género que ele ataca ferozmente por ser uma forma degenerada da música. Na ópera, a música é escrava do texto, das palavras, meio, por sua vez, constrangedor e incapaz de captar o simbolismo cósmico da música. Desta forma, a música contemporânea procurava, somente, suscitar prazer através de tentativas de imitação dos fenómenos físicos o que, segundo Nietzsche, provocava o aprisionamento da imaginação. Este estava confiante de que uma vez que os seus iguais se apercebessem da limitação dos poderes da ciência seriam forçados a voltar-se para a tragédia em busca de conforto, pois de outra forma a demanda pela verdade seria sempre infrutífera.

Para este maestro de origem judaica a música é, acima de tudo, um veículo para compreender e tentar entender o mundo. Há uma ligação próxima entre o conteúdo da música e o da vida. Música e vida partilham mais do que uma dimensão algo trágica. Assim como a nota morre no espaço também a vida tem uma durabilidade limitada, ainda que o homem tente, por força, aguentar a sua nota o máximo de tempo possível. A música, prossegue ele, é a melhor forma de aprender mais sobre nós e sobre a sociedade. Ao contrário de Schopenhauer, Barenboim entende que a música, mais do que escape dos tormentos terrenos, deverá ser ferramenta para melhor perceber o mundo. Ela dá-nos valiosas lições e isso é perceptível se encararmos a orquestra, por exemplo, como microcosmos do mundo e das sociedades actuais. Veja-se como o funcionamento de uma orquestra nos mostra como uma sociedade verdadeiramente democrática deveria funcionar. A única forma de obter um resultado harmonioso e algo semelhante ao que entendemos por música é não haver imposições de poder de um instrumento sobre o outro. Os instrumentos mais poderosos, tais como o trompete e trombone, tocam de um modo que demonstra um grande sentido de poder, contudo têm de permitir que os demais instrumentos, menos poderosos, sejam ouvidos. De outra forma, o som deixaria de espelhar força e tensão para expressar unicamente poder brutal e agressivo. Há necessariamente uma hierarquia, mas de carácter equalitário, por mais estranho que possa soar, pois para que se produza música é necessário tocar, mas simultaneamente ser capaz de ouvir o outro. É por isso que em tempos de autoritarismo a música se tornou o espaço privilegiado para a livre expressão. Exemplo disso foi o movimento⁴ que usava como saudação o grito “Swing Heil”, paródia ao “Sieg Heil”. Esse movimento foi ganhando expressão durante o Regime Nacional Socialista que procurou, a todo o custo, erradicar quaisquer vestígios de ritmos que se assemelhassem ao swing e aos

⁴ Os Swing Kids, eram uma contra-cultura que se opunha ao regime nacional socialista, amantes do swing, do Jazz e das músicas dançáveis.

seus movimentos excessivos e celebradores de uma liberdade de pensamento demasiado próxima da americana e, especialmente, da cultura negra subvertendo ou, como quem diz, despertando a juventude para um modo de encarar a vida antagónico ao advogado pelo regime fascista.

Barenboim recorre aos estudos neurológicos de António Damásio para dar uma resposta científica satisfatória para o facto de a música nos tocar com tanta mestria as emoções. Não lhe atribuiu um carácter metafísico como os filósofos supracitados, mas reconhece-lhe alguns traços sublimes. As emoções estão intrinsecamente ligadas ao escutar de sons porque também o sistema auditivo está, fisicamente, muito próximo das zonas do cérebro que regulam a vida, isto é, as emoções básicas. Ao contrário do que acontece com a visão, em que não há penetração física, na audição, o som entranha-se, atravessa o nosso corpo em ondas. Barenboim reforça, inúmeras vezes ao longo das várias conferências, o papel da música enquanto elemento essencial na vida das pessoas, principalmente, como peça-chave para melhor interpretar a vida e o mundo envolvente.

Podemos pois concluir após esta breve exposição que a música para Schopenhauer era um modo de escapar à vida, já para Nietzsche era um modo de afirmação da vida, enquanto que para Daniel Barenboim é modo de vida. Resta-nos perguntar o que é para nós a música?

3 | O AR SONORO

Hoje em dia com o desenvolvimento tecnológico galopante e uma convergência das artes em canais cada vez mais multimidiáticos, a música apresenta-se frequentemente na sua vertente audiovisual. Assistimos a uma geração que entre outras coisas alimentou canais de música como a MTV que inauguraram um ciclo, uma era de música que se vê. Voltamos a falar de uma música produto, bem consumível que pretende vincular e vender não só um

som, mas também uma imagem específica e atingir um público-alvo bem definido forjando e, a meu ver, subvertendo o próprio sentido da música.

A música, através do recurso ao visual pretende, amiúde, transmitir uma imagem, uma maneira de estar na vida, estabelecer uma empatia não só musical como também de um certo *modus vivendi* dos seus interpretes e/ou compositores. Essa necessidade de se criarem pequenas tribos em torno de interesses comuns é desde sempre uma necessidade de sobrevivência social que a música respeita, sem dúvida por andar a par com a sociedade. É no fundo o impulso gregário do ser Humano a cantar mais alto.

Não deve ser também negligenciado o papel que a música desempenha no cinema. Ainda não tínhamos acesso ao diálogo das personagens cinzentas que desfilavam pelo ecrã, e já a música desempenhava um papel preponderante como fio condutor emocional ao longo do filme. Hoje já ouvimos as personagens, no entanto continua a ser a música que, apoiada nas imagens, tem a função de despoletar emoções tão antagónicas como repulsa, medo, tristeza e furor. O que seria da famosa cena do filme de Hitchcock, *Psycho*, sem o trecho de Bernard Hermann de altas-frequências que se assemelha espantosamente a gritos agudos de grande pânico?

Atrevo-me mesmo a dizer que a música ressoa em nós como se fossemos uma caixa de sons e dedilha as nossas emoções mais íntimas.

4 | BEATS, BITS E BEEPS

Com o advento da Internet, assistimos a uma democratização da música, que já tem vindo a construir-se desde as primeiras gravações no [fonógrafo](#). À distância de um clique, acedo a um infindável acervo musical, entro em fóruns dedicados a vários estilos de música, junto-me aos demais fãs da minha banda favorita em adulações e críticas musicais, procuro saber toda a informação discográfica e biográfica de todos aqueles músicos que despertam a minha atenção, leio as letras das canções que engrossam a minha colectânea musical. Já para não mencionar as estações de rádio e infinitas publicações.

Escusado será dizer que os métodos de produção e de manipulação da música se viraram também para este meio digital revolucionário. Muito para além da simples mímica das tradicionais ferramentas, encontram-se hoje em dia ao nosso dispor aplicações interdisciplinares que entregam ao utilizador um controle absoluto através de uma miríade de interfaces que com as propriedades dos sons interagem, seja por equivalências cromáticas, seja por equivalências gestuais ou de outro tipo.

O espectro de actividades é vasto. É, para além do mais, um local de eleição para a comercialização da música, para esta ser publicitada e partilhada. A Internet tem vindo a abrir, de par em par, as portas a muitos músicos independentes que dispõem de meios limitados e que, de outra forma, dificilmente veriam o seu trabalho chegar às massas. Assim só têm de lançar as suas composições para o mundo virtual na esperança de que o mundo, que todos os dias aí entra sedento de som, os escute.

É essa mesma democratização tão louvável que tem, por outro lado, uma faceta, ironicamente, oposta no seu conceito. Ao fornecer os veículos necessários, como os modernos sistemas de som, não só democratizámos a música, tornando-a acessível a uma grande maioria como, de igual modo, permitimos uma certa ditadura do som. As barreiras das liberdades individuais começaram-se a esbater. Se por um lado, tenho o direito de ouvir a música que quero e quando quero, por outro, poderei estar a usá-la de forma intrusiva, no que diz respeito ao outro. Exemplo disso é a música que somos forçados a ouvir sempre que entramos num espaço público, seja num café, loja, elevador, página web, seja quando alguém liga um telemóvel para ouvir música sem auscultadores ou quando condutores de transportes públicos decidem partilhar o seu gosto musical com os seus passageiros. As situações são inúmeras e variadas. Já para não mencionar espaços onde já se tornou quase uma convenção ouvir música, como os bares, discotecas e, mais recentemente, restaurantes. Urge perguntar, será que o silêncio se tornou um privilégio dos eremitas?

A música foi, desde sempre, um acto social que reuniu as pessoas, quer fosse em festivais, celebrações espirituais e místicas, quer em momentos de lazer, contudo com a desenvoltura dos suportes de preservação e de registo musical e dos mais variados dispositivos de leitura, deu-se início a um novo tipo de fruição musical - a individual. O indivíduo já não precisa de se reunir com o seu semelhante de modo a aceder à música. A sociedade dos nossos tempos privilegia a existência humana solitária por oposição a grupos comunitários de entreajuda, não é pois surpresa que a música tenha arranjado forma também ela de encontrar o seu espaço neste mundo de esferas privadas que se vão tocando em ocasiões pontuais.

No passado, a música só estava acessível no momento em que era interpretada. Após esse momento era o silêncio, a sua morte. Os sons caíam no espaço e só vibravam na memória das pessoas que os transportavam já sob a forma de emoção. Estou em crer que essa limitação não só relembra a própria efemeridade e fugacidade da vida e das próprias emoções, como era um impedimento real para a obtenção de momentos de verdadeiro deleite de acordo com o capricho de cada indivíduo. Assim que a tecnologia o permitiu, congelaram-se melodias que podem ser reproduzidas ad aeternum até à exaustão, como é o caso recente do iPod, que nos permite armazenar a banda sonora de uma vida, dispensando todo o aparato físico que isso outrora acarretaria.

É bem verdade que já não escutamos música das esferas e não participamos em turbilhões dionisíacos ao som de tímboles, mas prosseguimos a juntarmos em modernos cultos e em rituais de êxtase musical e muitas vezes físicos, nomeadamente, através da expressão da dança, e a música continua a ter um papel preponderante na nossa sociedade, apesar de todas as dúvidas que palpitaram ao longo deste trabalho. Continua a estreitar laços entre almas.

“I wondered whether music might not be the unique example of what might have been - if the invention of language had not intervened - the means of communication between souls.”

Marcel Proust, *Remembrance of Things Past*.



Quis ao longo deste trabalho explicar, questionar e desenvolver o conceito de música e estabelecer um paralelo com esta sociedade da informação com dimensões e características singulares na história por alguns já referenciada de «geração digital».

Ao fazê-lo apenas arranhei a superfície de vários espaços nos quais a música se move, e em particular, num deles - a internet. Como é que vamos explorar este novo espaço cuja evolução sonora, parece estar ainda em fase embrionária? Tome-se como exemplo um parâmetro que nos é próximo e que dita gostos e necessidades dos utilizadores - os nossos computadores - são máquinas cujo desempenho está claramente orientado para a visão. Quase sempre, são as placas gráficas o componente mais desenvolvido, avançado e mais requisitado pelo sistema. Os jogos e as aplicações existentes assim o exigem e, ao que parece, isso não vai mudar tão cedo.

A sociedade expõe-se descaradamente como nunca o fez antes, trazendo a lume uma torrente de sensações, memórias e experiências culturais antes indisponíveis ou restritas para a maioria da população.

E tudo isto acontece a uma velocidade estonteante em grande parte, devido a um espaço que parece estar em constante mutação e a evoluir em progressão geométrica.

A influência da internet é mais do que notória, resta saber que outras formas de música nos aguardam e quem serão as veias criadoras a emergir deste turbilhão? E quais os seus impulsos e características?

Eu atrevo-me a apostar no timbre - o equivalente á textura no sentido do tacto, é a meu ver, uma característica cada vez mais explorada na música Ocidental. Veja-se o uso cada vez mais comum dos pratos de DJ, uma clara aproximação táctil ao som, assim como a crescente proliferação da música electrónica e do vasto manancial de aplicações que a suportam e deixam a milhas o sintetizador analógico. Estas abordagens implicam um significativo aumento de controlo que opera directamente em todas as propriedades do som - são a expressão de um poder.

E quais os desafios para os tempos vindouros? Sabemos que há uma crise de valores bem como uma ameaça de substituição do papel de tutor da escola (e dos pais) por uma entidade virtual chamada - internet. A criança de hoje cresce com acesso a um banco de dados imenso acoplado à ponta dos dedos. Como alterar esta tecnologia e incorporá-la nas escolas de maneira a torná-la mais útil, pedagógica e apelativa, envolvendo alunos e principalmente professores no processo, parece-me ser ainda um desafio. E a música poderá ter aí um papel preponderante no fruir das relações humanas.

Devemos por isso preservar e zelar pela boa saúde de um órgão essencial ao nosso bem estar e que tanto prazer nos proporciona - o cérebro.

IV

BIBLIOGRAFIA

- Scorsese, Martin [et al] - "[The Blues](#)", Feels like going home [Série Televisiva], 2003.
- Barenboim, Daniel - "BBC Reith Lectures 2006",
<http://www.bbc.co.uk/radio4/reith2006/>
- Ramachandran, Vilayanur - "BBC Reith Lectures 2003",
<http://www.bbc.co.uk/radio4/reith2003/lecture4.shtml>
- Manrig, Michael - "The Book of Living and Dying" - The book of Flames.
- Miller, Marcus - "Run For Cover" - Out Of The World, Marcus Miller Project, Yomiuri Land East, Tokyo, 1991.
- Schopenhauer, Artur - "Da Necessidade Metafísica", Inquérito, 1939.
- Nietzsche, Friedrich - "A Origem da Tragédia", Lisboa, 1988.
- Duarte, José; Santos, José - "Histórias de Jazz", Lisboa, 2001.
- Siegmeister, Elie - "A música e a sociedade", Lisboa, Cosmos, 1945.
- Branco, Luís freitas - "História Popular da Música - desde as origens até á actualidade", Lisboa, Cosmos.
- Huxley, Aldous - "Admirável Mundo Novo", Lisboa, Livros do Brasil.
http://www.sdc.org.uk/general/features/feature_music.htm
<http://www.wired.com/news/technology/medtech/0,66770-0.html>
- McKenna, Terence, "In the Valley of Novelty" [Part 1]
<http://www.matrixmasters.com/podcasts/>
- Adorno, Camille - "A Arte da Capoeira", Góiania, Kelps, 1999.
<http://www.brasilcapoeira.ch/sites/músicas.htm>
<http://www.apfn.com.pt/documentario/>
<http://www.sparknotes.com/>
<http://www.translatum.gr/etexts/moart>
<http://users.belqacom.net/wagnerlibrary/articles/ney48218.htm>
http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_20.htm
http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Cage
http://en.wikipedia.org/wiki/Swing_Kids